

**‘OUTRO’ DO COLETIVO IMPROVISO:
INTERDIGITAÇÕES ENTRE DANÇA E TEATRO**

MARTA SIMÕES PERES

Professora adjunta da UFRJ (Departamento de Arte Corporal, Escola de Educação Física e Desportos), bailarina, coreógrafa e fisioterapeuta. Fez Doutorado em Sociologia na Universidade de Brasília, Pós-Doutorado em Antropologia no IFCS/UFRJ. Dirigiu os espetáculos de dança-teatro A Quântica dos Corpos (Brasília, 2004), 68 à Vera (Rio de Janeiro, 2008) e participou como coreógrafa da montagem de Carmina Burana na Escola de Música da UFRJ (2009).

Resumo: O texto discute relações e a proximidade entre as artes do teatro e da dança, tomando como ponto de partida a crítica do espetáculo *Otro, do Coletivo Improvise*, dirigido por Enrique Diaz e Cristina Moura
Palavras-chave: dança; teatro; Coletivo Improvise; Tragédia Grega

‘OTRO’ DEL COLECTIVO IMPROVISO: CAMIÑOS ENTRE LA DANZA Y EL TEATRO

Resumen: El texto habla de la relación entre la danza y el teatro a partir de una crítica del espectáculo *Otro, del Coletivo Improvise*, con la dirección de Enrique Diaz y Cristina Moura
Palabras llave: danza; teatro; Coletivo Improvise; Tragedia Grega

A proximidade - quase con-fusão - entre a dança e o teatro enquanto expressões artísticas chega a ser tamanha que abordá-la pode não ser assim tão óbvio quanto possa parecer. Hoje, dificilmente encontraremos um espetáculo de teatro de qualidade que não tenha contado com uma preparação corporal para os atores, frequentemente realizada por profissionais da dança. Por outro lado, cada vez mais, trabalhos ‘dançados’ lançam mão de textos, embora nem sempre os bailarinos sejam felizes ao se expressarem verbalmente, dependendo da formação.

Otro, espetáculo do *Coletivo Improvise*, apresentado recentemente no Rio de Janeiro, escapa de possíveis falhas oriundas dessa dicotomia. Enrique Diaz e Cristina Moura, parceiros na direção, conseguem ser bem-sucedidos num teatro que domina com



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

desenvoltura os elementos do movimento enquanto a dança não perde o fio de uma ousada experimentação cênica. Ouvi, certa vez, Kike – de quem sou ‘fã número um’ desde a adolescência - comentar que tem se aproximado cada vez mais da dança. Também tive a oportunidade de participar de um curso, no SESC-Copacabana, em que a bailarina, coreógrafa e atriz (formada pela UnB) Cristina dosava com precisão treinamentos ora mais teatrais ora corporais-coreográficos-dançantes.

Já no título, o jogo entre semelhança e diferença se faz presente, pois, se tomarmos as palavras individualmente, embora seja um idioma de fácil compreensão, muito semelhante ao nosso, o espanhol possui ‘outro’ sotaque. Certamente, aulas de espanhol são muito menos procuradas que as de inglês, francês, ou mesmo alemão. Quando viajamos pelo esplendor da LatinAmérica nos damos conta, envergonhados, da falta que isso faz. Quando estive em Cuba, em 2009, meu filho Juca, então com nove anos, como faz aqui, empolgadamente conversava com os motoristas de taxi: ‘mi madre habla más que yo pero mi acento és mejor’.

Segundo os artistas - Daniela Fortes, Denise Stutz, Felipe Rocha, Raquel Rocha, Renato Linhares, Thierry Tremouroux, Lucas Marcier, além de Cristina e de Kike - o projeto partiu da observação e abordagem das pessoas pelo espaço urbano: saíram por aí, a perguntar, ‘quem é o outro?’. Em entrevista no *youtube*, Kike demonstra uma preocupação maior com o ato de se deslocar que com ‘buscar material para o espetáculo’. Antes errar que acertar. Mais do que se ‘responsabilizar’ por ele, ‘enxergar’ o outro, pois daí, quem sabe, possa surgir um ‘outro’ caminho de convivência, sob a lente da performance, do improvisado, da repetição, da subversão criativa. E cita Lispector, para quem a palavra é tentativa, não solução. Quem sabe até um erro, um fracasso... e que belo fracasso!

Da interação, não apenas entre teatro e dança, mas também com o vídeo, de Felipe Ribeiro, e com a música, de Lucas Marcier, trajetos inusitados como a travessia de barca às cegas (que o ator o realizou de olhos vendados) mesclam-se a outros percursos e realçam os



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

demais sentidos – sons, cheiro de maresia, contato do vento, peso da bolsa, expectativa do encontro, imotivada desistência. Para a gente, que é carioca, quer um outro mais ‘outro’ que Niterói? Logo ali do lado, com aquela vista mais linda, conseguindo resistir à tentação de não ser tragado, de não se transformar em, não se embolar com o Rio? Já parou para pensar na força que esta cidade tem que exercer para não ceder ao gigantesco magnetismo de sua vizinha-prima-irmã ‘Maravilhosa’!? Nicht Roi, nada de rei, parece ter sido a origem etimológica – fugindo da corte, do Estado, do poder que (quase) todo mundo almeja, do ‘poente da espinha das suas montanhas’ que quase arromba a retina buarquiana. Desejo imponente, cheio de dignidade indígena (salve Araribóia !), de não estar no epicentro do universo, pelo mero sossego que traz essa opção. Pensar no outro é pensar em identidade. Enquanto diferença, enquanto semelhança.

Não satisfeitos com o leste, o coletivo passeia pelo oeste: Freguesia, Taquara - ou o quê mesmo? - um daqueles sub-bairros, ou melhor, bairros, considerando que Jacarepaguá é uma cidade, e das grandes. Como se não bastasse, vamos ao norte, pois neste ‘outro’ mundo, fala-se inglês, o cara acaba de chegar de um outro, como aquele, não-lugar dos longínquos *States*. Acho que ele se sente só. Seria por isso que as pessoas puxam papo?

Não satisfeitos com o inglês, há também o ator que fala, mas não é francês, e sim belga. Está aqui, perambulando, se divertindo, tomando cerveja na Lapa, encenando peças experimentais, enquanto sua mãe ficou lá sozinha com dor nas costas... que absurdo!! Cobrança na consciência dos ‘outros’ é refresco. Será possível olhar para o outro sem sentir nem lhe infligir culpa?

Um dos pontos altos é uma sequência muito simples pontuada pelo ato de tocar, segurar e girar no ar uma cadeira que Cristina ensina à Denise e, em seguida, aos outros atores, até o Kique desengonçado com um vaso de planta. Demonstrem divertidamente com quantos movimentos se faz uma coreografia. Se ator diz ‘treinar’, em ‘aula’ de dança, quem



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

nunca ‘colou’ do coleguinha-da-frente-que-leva-mais-jeito que atire a primeira pedra... ou régua!

As imagens de Felipe Ribeiro apresentam uma composição de rostos num caldo infinito e a dissolução de individualidades em inusitados bichos de argila nos faz recordar as *matrioshkas* (ou *babushkas*, para os tchecos) aquelas bonecas russas que se encaixam umas dentro das outras (Bernardo, 31:2010) que quando abrimos encontramos outra, que quando abrimos encontramos ...

“O que há no interior do corpo? Um outro corpo. O que há no interior do outro corpo? Um outro corpo ainda. O que há no interior deste novo corpo? Também um outro corpo. Como a última boneca é de madeira maciça, a criança experimenta a sensação combinada de decepção e júbilo. Se a última boneca não se abre, não podemos saber o que há dentro dela; não podemos saber se é possível haver uma boneca menor ainda. Ora, se há algo que ainda não sabemos, ainda temos uma boa razão para viver: procurar saber” (Bernardo, 32:2010).

Se a metaficção, fenômeno estético autorreferente, pode ser considerada a irmã mais nova da metalinguagem, ao duplicar por dentro a ficção, falando de si ou contendo a si mesma, estariam eles fazendo uma espécie de metateatro? Em seu *O Livro da Metaficção*, Gustavo Bernardo aborda a arte metamorfoseada em várias camadas do pensamento, tocando em questões que *Otro* apresenta sobre o palco: tantos universos uns dentro de outros, matrix, seria tudo isso um sonho, ou seria apenas o relato de um dia inteiro, entre, trajetos, sensações, pausas, reflexões, não mais que um dia, de uma pessoa... qualquer?

Embora pontuada por momentos de humor, a delicada poética do cotidiano desenhada pelos artistas sobre o palco do Sergio Porto não me deixou exatamente ‘alegre’. Ao contrário, essa afirmação contundente de minha insignificância me trouxe uma certa ... agonia!



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Agón, em grego, quer dizer ato, valendo tanto para os da cena quanto para os da guerra. Raiz do teatro do Ocidente, a tragédia grega remete a tempos ainda mais distantes, reacendendo na plateia, coro e atores o estado de purificação dos rituais dionisíacos. Protagonista significa ‘primeiro ator’, mas poderia ser também primeiro ‘guerreiro’. O que seria a agonia senão a consciência de nossa finitude, o debruçar-se sobre o aniquilamento, a experiência limite de se encontrar cara-a-cara com a morte?

Para Nietzsche, o coro ditirâmico constituía o aspecto efetivamente dionisíaco do teatro, enquanto a plateia e o público (...) representavam o ideal apolíneo, teórico e contemplativo que, em pouco tempo suplantou e aniquilou o coro satírico (Veiga, 2008:29). Os ‘coreutas’, como se designavam os artistas do coro, não se especializavam em canto, teatro ou dança, pois tudo era uma única expressão, com marcas ainda frescas dos rituais mágicos que lhes deram origem. Daí vem a palavra ‘coreografia’, hoje propriedade privada dos artistas da dança.

Na fronteira entre dois mundos, antagônicos e contraditórios, a tragédia grega reúne elementos do ritual mais arcaico – em que dançar é ter o prazer de participar – e do teatro que ali nascia – para quem vai assistir. Lembrando que ‘teatro’ e ‘teoria’ possuem a mesma origem etimológica, próxima à idéia de contemplar, e que a teoria se faz mais propriamente sobre algo que se estuda, não sobre algo que se vivencia, nos aproximamos do que diz Kike acerca do processo de pesquisa em que priorizaram o participar sobre o documentar, buscar conhecimento na experiência e não propriamente numa ‘transmissão’ de quem sabe para quem não sabe.

Embora não seja apenas engraçado como parece à primeira vista, ao contrário do uso vulgar que hoje damos à palavra agonia, tampouco esse belo ‘erro’ do Coletivo Improvado tem a ver com tristeza. Como na tragédia, a percepção da pequenez individual é motivo para afirmar e celebrar a vida. Se, como já cantou João Gilberto, “é impossível ser feliz sozinho”, vamos celebrar com o outro!



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. O livro da Metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
NIETZSCHE, Friedrich. A Origem da Tragédia. São Paulo: Moraes, 1994.
VEIGA, Guilherme. Teatro e Teoria na Grécia Antiga. Brasília: Thesaurus, 2008.

Recebido: 01/06/2010

Aceito: 17/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br